



Editorial

Entre 2009 e 2010, diferentes grupos de alunos do Instituto de Letras da UFRGS tiveram oportunidades de conhecer produções acadêmicas de colegas, alunos de graduação e de pós-graduação, que relatavam e analisavam experiências e vivências em projetos de ensino mostrando participantes satisfeitos com o que produziam juntos, aprendendo e ensinando. Em aulas de diversas disciplinas, em reuniões de grupos de pesquisa e em seminários de formação de professores, trabalhos de conclusão de curso, relatórios de estágios de docência, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e capítulos de livro, contavam coisas bem legais acontecendo em espaços escolares aqui e ali. E havia ainda relatos orais e anedóticos, alguns porque os episódios ficaram fora dos relatórios acadêmicos, outros que se agregavam, porque uma história bem legal puxa outra. Ficava claro que aquelas histórias precisavam circular mais, pois eram relatos de atividades de ensino e aprendizagem que davam certo. Entre os docentes e pesquisadores, por sua vez, o contato com professores nas escolas e a tarefa de síntese dessa produção acadêmica tornavam evidente que muito se pode aprender com os educadores que têm se dedicado a reinventar o cotidiano escolar com seus alunos buscando projetos de aprendizagem bem legais. E aos poucos, nas aulas e nos encontros e conversas de café, se sedimentou a convicção de que a formação de professores acontece e toma corpo na troca de experiências vividas, e motiva e engaja quando essas experiências são bem-sucedidas, satisfatórias.

Embora já se tivesse antes pensado em reunir esses relatos em livro, melhor ainda seria algo mais ágil e leve, textos não tão longos e bem legais, uma revista reunindo relatos dos próprios professores dirigidos a colegas professores. Isso seria bem legal não apenas para disseminar ideias e experiências, mas para pôr em contato educadores da linguagem criativos, mas às vezes isolados e nem sempre seguros da riqueza de sua atuação. Na correria de sempre, coube a Daniel Weller o importante papel de sonhar alto e grande, de insistir com Margarete Schlatter para que a ideia não acabasse em café e de traçar um primeiro plano para a revista que virou, como se vê, ***Bem Legal***.

Quando a dispersão imposta pelas múltiplas frentes desses primeiros executores se avolumava, eis que chegamos no Instituto de Letras em 2010, encantados com as possibilidades de criar e fazer acontecer. Criar uma revista, mas não uma revista como as que já existem por aí? Uma publicação com a qual agentes da educação básica se sintam à vontade para poder compartilhar suas histórias, relatos, projetos e planos de aula, pois



sabem que seus interlocutores serão pessoas que querem saber de coisas bem legais que estão acontecendo em outras salas de aula? Claro que aceitamos o desafio de levar adiante a abertura desse espaço para trocar ideias sobre práticas e experiências bem sucedidas em sala de aula. **Bem legal!** Uma publicação que fugisse da rigidez acadêmica teria um nome com o qual seus leitores e colaboradores se identificassem, que tivesse a ver com "práticas bem sucedidas em sala de aula". E "**Bem Legal!**" – todos nos demos conta – é o que mais se ouvia ao final de discussões sobre aqueles tantos projetos bem-sucedidos.

Em 2011, colocamos o projeto em prática. A primeira decisão foi por uma publicação eletrônica e gratuita. Com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, foi possível solicitar um bolsista para auxiliar na criação da imagem e do *site* da revista. Assim surgiu a parceria entre **Caixola**, a agência de publicidade experimental da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, e revista **Bem Legal**. Tem sido um trabalho feito com muitas mãos, elaborado com muita dedicação, motivação e entusiasmo. Assim, é com muita alegria que apresentamos o primeiro número da revista **Bem Legal**. Neste primeiro número, apresentamos oito textos: seis na seção *relatos de boas práticas*, um na seção *histórias de sala de aula* e um na seção *entrevistas*. Nos próximos números, esperamos receber contribuições também para as seções *planejamento de aulas* e *propostas de projetos*.

No primeiro texto, **A língua inglesa a serviço da interação: uma experiência de uso prático de projetos pedagógicos no ensino de língua estrangeira**, a professora Renata Moschen Portz relata sua experiência com seu projeto de estágio. Ao ser exigida a trabalhar com o *simple present* (presente simples) em uma turma de 1º ano do ensino médio da rede pública, cujos alunos não se conheciam bem, e que aparentemente não estava aberta para o trabalho em conjunto, Renata teve uma ideia simples e criativa: pedir aos alunos que produzissem perfis particulares para se conhecerem e, assim, ensinar o tópico gramatical a partir da necessidade nascida dos alunos de encontrar uma forma de se expressar usando essa estrutura da língua que estavam estudando.

De Lajeado Grande, localidade do interior do Rio Grande do Sul, as professoras Maria Valésia Silva da Silva e Fernanda Cardoso Ricardo descrevem um projeto interdisciplinar intitulado **Valorização do Patrimônio Público e Escolar** desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Lajeado Grande. Através do trabalho conjunto de toda a comunidade escolar, foi possível transformar a realidade em que os alunos e professores estavam inseridos através de práticas pedagógicas que fomentaram atitudes de respeito e



valorização do patrimônio escolar.

O texto **Isto não é justo!**, dos professores Maitê Gil e Rodrigo Mendonça, narra o projeto elaborado por eles a partir de uma discussão travada em sala aula entre os alunos do professor Rodrigo a respeito da necessidade de haver justiça. A proposta teve como objetivo estabelecer eventos de letramento consecutivos em torno das práticas sociais que se relacionam, direta ou indiretamente, com os direitos humanos.

Em **Leituras desobrigatórias 2010: possíveis textos para prováveis leitores**, a professora Priscila Oliveira Monteiro Moreira detalha o trabalho que desenvolveu com uma turma no pré-vestibular Resgate, curso popular destinado a alunos de baixa renda em Porto Alegre, onde é professora voluntária de Literatura. O trabalho desenvolvido durante todo o ano contou com a seleção de contos que não constavam como leitura obrigatória para a prova de vestibular, o que possibilitou a compreensão do que significa ser professor para alunos de pré-vestibular, para além da avaliação ou dos índices de aprovação.

Esta edição da revista também traz a história das professoras Catílcia e Vanessa, duas apaixonadas pela Educação de Jovens e Adultos que, em seu texto **Yes we can! Uma prática de letramento na aula de inglês da EJA**, resolveram montar um material didático com tarefas relacionadas e interligadas. O material produzido por elas teve o objetivo de possibilitar, através de eventos de letramento, a inserção dos alunos em discursos da atualidade aos quais não teriam acesso sem a oportunidade promovida pela aula de inglês.

Em sua primeira experiência no ensino de inglês, as professoras Camila e Bruna enfrentaram o desafio de trabalhar com um grupo de alunos indígenas na universidade. Em **Participar no mundo que se faz em inglês: uma aprendizagem intercultural**, as professoras contam como, a partir do interesse desses alunos em aprender a ler em inglês, criaram um curso especialmente voltado para eles. Através do programa e das tarefas, focalizaram os assuntos que interessavam os alunos e introduziram a língua inglesa de maneira significativa, desenvolvendo aulas que levaram em conta a diversidade cultural em benefício da aprendizagem de todos os participantes.

No relato **Reinventar a aula de português: o desafio de um viver muito perigoso...**, a professora Liége D. Westermann conta como reinventou seu cotidiano para promover aprendizagens aos alunos. Sua história começa a partir de um grupo de adolescentes, vivendo em situação de vulnerabilidade social, com baixa proficiência na leitura e escrita – mesmo frequentando a escola há mais de oito anos – e com nenhum

interesse em estar na sala de aula. Diante do desafio de ensiná-los a ler e a escrever melhor, Liége propôs inventar, a cada dia, a aula do dia seguinte.

Para finalizar, na seção de entrevistas, a professora Andrea Mangabeira conversa com a professora Cátia Ramos a respeito da polêmica que envolveu a coleção de livros didáticos distribuídos pelo MEC, *Por Uma Vida Melhor*, e da sua experiência no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos na rede municipal de ensino de Porto Alegre.

Podemos observar que este primeiro número está cheio de relatos e histórias bem legais. Esperamos que esta seja a primeira de muitas edições e que a revista ***Bem Legal*** cumpra com seu objetivo maior: contribuir para a qualidade da educação básica no Brasil. Este é o desejo de todo o corpo editorial e demais colaboradores da revista.

Anamaria Kurtz de Souza Welp

Simone Sarmento